07-03-2022

VOZES SUFOCADAS, VOZES OUSADAS

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Como é se sentir sufocada? Como é se sentir apagada? Como é se sentir oprimida? Nunca pensei tanto nesses sentimentos. Mas é assim que as mulheres indígenas se sentiram durante muito tempo e ainda se sentem: sufocadas, oprimidas e apagadas da história. Assim são as vozes sufocadas das avós, das tataravós, das mulheres das comunidades.

As mulheres indígenas - convém repetir - sempre estiveram na posição de oprimidas, olvidadas. Isto é, a mulher indígena sempre esteve numa posição em que não pôde falar o que tinha vontade, não pôde expor seus sentimentos, dramas, necessidades. Não pôde explicitar sobre o que ocorre com seu corpo, com seus seios, com seu útero, que, infelizmente, foi e é duramente violado. Eliane Potiguara, ao participar da Websérie *Leia Autoras Indígenas*[1] [websérie com mulheres indígenas de diferentes povos ligadas à literatura], enfatiza que a mulher indígena, quando os colonizadores invadiram seus territórios, esteve na retaguarda da cultura indígena para poder sobreviver. A poetisa explica que os homens indígenas colocaram suas esposas na retaguarda cultural como meio de sobrevivência. Reitera ainda que muitas famílias se jogaram de altos penhascos para não se tornarem escravas. Logo, o processo de obliteração das mulheres indígenas vem de longe. No entanto, nas últimas décadas, as mulheres indígenas vêm ocupando o palco de suas vidas. Tomando seu lugar na história. A autora potiguara ressalta o processo de crescimento das mulheres indígenas, que é, inclusive, muito grande. Crescimento que envolve seus corpos, sua sexualidade, seus direitos aos estudos, conhecimentos, trabalho, liberdade para exercer suas profissões e ao apoio que podem dar às suas famílias, filhos (as) e avós. Em outras palavras, são mulheres que nas últimas décadas vêm se tornando gradativamente protagonistas de suas vidas e da história de seu povo. Outro ponto relevante diz respeito ao papel ativo das mulheres dentro do movimento indígena. Muitas assumiram cargos importantes, como por exemplo, a presidência de organizações, de diretorias e de contabilidade. Passaram a produzir artesanatos voltados para suas realidades, mostrando suas etnias, seus modos de vida, hábitos e costumes, de suma importância para fortalecer a cultura e diversidade indígena, a espiritualidade e a alma.

Lembra, ainda, que há mulheres pajés, caciques e parteiras.

Isto significa que mais mulheres indígenas assumem seus lugares na sociedade, revigorando suas raízes. Esse processo só foi possível devido à atuação de mulheres como Eliane Potiguara, ela que teve e tem um papel fundamental na produção literária de autoria indígena e no movimento indígena. Foram criados e desenvolvidos vários projetos comunitários na aldeia Potiguara, entre eles o GRUMIM (Grupo Mulher Educação Indígena), que se constitui em um espaço voltado aos direitos humanos das mulheres indígenas. O grupo, inclusive, foi contemplado em 1996 pela Comunidade BAHÁ´Í com o "Prêmio Cidadania Mundial" pelos trabalhos desenvolvidos.

O grupo é ampliado com mulheres de outras etnias do território nacional. Potiguara, foi indicada em 2005 ao projeto internacional "Mil Mulheres ao Prêmio Nobel da Paz".

Na produção literária de Eliane, temas como a Terra, a Mulher e a Ancestralidade são centrais, oferecendo uma literatura combativa, complexa e visionária, calcada numa cosmovisão étnica.

Com frequência, a literatura militante ressalta a sua ancestralidade, pois é neta, bisneta e filha de mulheres guerreiras e homens também, que foram mortos no processo de neocolonização. O que, segundo a guerreira, possibilita uma consciência grande do seu papel como mulher indígena; do mesmo modo que a importância de plantar novas sementes e vozes ousadas no combate ao processo de extermínio de corpos indígenas.

As sementes plantadas por Potiguara vêm dando valiosos frutos e novas lideranças femininas indígenas vêm surgindo, como por exemplo, a ativista Sônia Guajajara; a cordelista Auritha Tabajara; a escritora Julie Dorrico; a jovem ativista Txai Suruí; a escritora Célia Xakriabá; a escritora e poetisa Márcia Kambeba; entre outras guerreiras que, com suas vozes, não medem esforços na luta pela cura da Mãe-Terra.

Txai Suruí, em seu discurso impactante na abertura oficial da Conferência da Cúpula do Clima-COP26 em Glasgow (2021), alertou: "*A Terra está falando. Ela nos diz que não temos mais tempo. Não é 2030 ou 2050, é agora! Vamos frear as emissões de promessas mentirosas e irresponsáveis; vamos acabar com a poluição das palavras vazias. Que a nossa luta utopia seja um futuro na Terra*" (veja).

Essas guerreiras surpreendem com suas vozes ousadas, força e conhecimento ancestral, mostrando que a tradição indígena resiste à morte. Não apenas resiste, mas pensa o futuro. Mostram também que o sonho é possível; que lutar por justiça social, climática, por proteção dos territórios e por respeito à diversidade é o caminho para "adiarmos o fim do mundo". Vale pontuar: a luta das guerreiras indígenas é coletiva; é em prol da autonomia das etnias, das florestas, dos direitos indígenas constitucionalizados e que não são respeitados. As mulheres indígenas lutam contra o desmonte dos órgãos e enfraquecimento de leis ambientais; lutam pela VIDA. Por conseguinte, as mulheres e os povos indígenas, em geral, estão na linha de frente na emergência climática; da luta pela diversidade linguística; pela memória; pelas crenças, se colocando como guardiãs da vida primaz. Dados de satélites explicitam que as Terras Indígenas funcionam como uma barreira ao avanço do desmatamento e suas terríveis consequências. Por este motivo, os povos indígenas são ameaçados, criminalizados e sofrem diversos tipos de violência. As vozes das mulheres indígenas ecoam mundo afora numa luta coletiva e dialógica; suas vozes são um canto de luta.

Foram muitas Aurélias Durantís
Irmãs guerreiras
Margaridas e Josimos
Que também vimos partir

Trabalhadoras as mulé agora
Enfrentam jagunço fazendeiro
Ao pai, ao marido, ao irmão ladeiam
Pelos sem terra, até a morte, guerreiam!...

(Eliane Potiguara)

▪▪▪

Referências

1. Projeto Panton Pia'. *Leia Autoras Indígenas.* Websérie. Episódio 08: Eliane Potiguara (Escritora), Moara Tupinambá (Mediação). Sesc Ipiranga. 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=K1W9ObXIWNQ&t=377s

Potiguara, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global Editora, 2004.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.